



Agradecemos os exemplares das seguintes publicações, que nos foram obsequiosamente oferecidas:
Estalão de Avulso, poemeto por Ponciano Barreto Ferreira Souto, dedicado a S. M. o Imperador.

Os sinus de Cornerille, opera comica em 3 actos e 4 quadros por Clairville e Gabet, accommodada á scena brasileira por Eduardo Garrido. — Foi editada pela livraria Moura & Cunha, rua da Uruguaiana 21 A.

Extracto da conferencia realizada no salão do theatro S. Luiz pelo cidadão Raymundo Teixeira Mendes, que dissertou com o profundo talento e a variada illustração, que todos lhe reconhecem, sobre a these — *os republicanos no parlamento; a situação ao criterio da philosophia positiva*.

O ministerio fallando á nação, por João Nepomuceno da Silva.

E' destinado o producto da venda deste folheto á viuva e dous filhos do auctor.

Miniaturas em prosa, contos das horas vagas, por José Philippe Festina, segunda edição correcta. — Contem varios romances do auctor, publicados nos jornaes de S. Paulo, e *Hei de pilhat-a!* comedia em 1 acto de José Maria Pimentel.

Cantico de dor, poesia em versos brancos, de Avila Osorio, dedicada á memoria de sua mãe.

A mãe de familia, n.º 3, importante publicação de hygiene e educação, que tem sabido cumprir perfeitamente o seu programma.

Revista Musical, n.º 9, publicação semanal da casa Arthur Napoleão & Miguez. O presente numero desta nossa unica revista de bellas-arts traz um curioso artigo sobre o diapasão, biographia de Carlos Gomes, escolhido noticiario estrangeiro, chronica local, a execução musical, a musica na America antes do descobrimento de Christovão Colombo, etc. Agradecemos penhoradissimos ao nosso estimado collega as expressões benevolentes que consagrou ao nosso amigo R. Boddallo Pereira.

La Comarço, quadrilha por A. Meyer.
Carpinetinho, polka para piano por José Pereira da Silveira.

A occorriente, polka para piano, pelo mesmo.
Musikina, polka por A. E. Rodrigues de Oliveira. Publicadas pela casa Arthur Napoleão & Miguez.

Meninas, quando te vejo..., polka por J. de Vasconcellos, publicada pelo Imperial estabelecimento Narciso & C.

Convite:
 Da E. C. Tenentes do Diabo para o esplendido baile á phantasia em 25 do mez passado.

O nosso amigo exmo sr commandador Boaventura Gonçalves Roque, respeitavel negociante desta praça, foi agraciado pelo governo de S. M. Fidelissima com o titulo de visconde de Rio Vez.

Os nossos sinceros parabens ao exmo sr visconde do Rio Vez.

Microcosmo



Journal de Commercio, o velho lobo marinho da imprensa, pratico e esperto como um traficante, aproveitador das coisas alheias como um trapeiro economico, arranjado e probo; o velho lobo, o esperto traficante, o honrado trapeiro, na qualidade de jornal e na apparencia da especie, tem um rez-do chão, ou, antes, um rez de pagina.

E' ás vezes uma triste mansarda sombria, triste e humida, onde apparecem os carões macilentos de pobres ridiculos; outras vezes é a gelozia ruidosa que se abre para deixar passar o rosto bom de quem accorda ou de quem vem suado tomar um góle de oxygenio.

E por isso mesmo é que alli, naquellas columnas, o espirito do leitor prende-se como si se prendesse a observar uma galeria n'um museu, ri-se como si observasse uma bella colleção de caricaturas feitas por artistas tristes, alegres, mysanthropos e doidos n'uma collaboração desordenada e febril.

E' por isso que o grande orgão, depois de fazer jus aos dias da semana com a hilaridade boa e sandavel, que vem de além mar ainda humida e molleza das emanções salinas, continúa no calendario sensaborão e typo dos *Ouvir* e *contar*, das *Curtas de um caipira*, e afinal acaba e começa no *Microcosmo*, uma estopada aborrecida como uma ladeira que a gente sobe ao rigor do sol, insipida como acompanhamento de enterro n'uma fila de muitos carros.

Dir-se-ia que o *Journal de Commercio*, ao contrario das entidades que pensam e que portanto reúnem as forças necessarias para o fazer no cerebro, fal-o justamente nos pés, no roda-pé.

Está no *Microcosmo* (chronica semanal), de domingo 2 do corrente, o seguinte, assignado por um C. de L.:

«..... Prefiro as decomposturas pequeninas, chatinhas, mas immundas... O que faz as minhas delicias é o texto do *Besouro*.»

E isto, depois de ter confessado, com a ingenuidade de um camponio que diz mal de si para fazer rir a quem o ouve, que:

«..... um folhetim de oito columnas devo ser massante por força.»

Muito principalmente sendo assignado por C. de L., acrescentamos nós.

As decomposturas chatinhas, pequeninas dão ao folhetim ameno, que o auctor por modestia chama de massante, um tom especial, um tom miúdo e chatinho por sua vez.

Estamos a ver o auctor a pizar nas pontas dos pés, andando aos pulinhos, com a sua barba falha como um espanador usado, com os seus dentes da frente cariados, com o seu fallar afilantado e apressado, como o das mulheres que escondem a gagueio.

Tudo isto faz lembrar que elle é a phrase citada, o *Microcosmo* que anda de babador á ajazada dos outros, como si ajuzasse de si erradamente defronte de um espelho sem aço.

O folhetinista foi poeta em algum tempo; mas pendurou a lyra no pé de aração do quintal ou no guarda-roupa e foi ser folhetinista.

Muito em breve tem de pendurar o instrumento com que perpetua os folhetins aos domingos.

Estes folhetins, grandes, enormes e grossos, que apparecem no dia de descanso, fazem lembrar os grossos descancos de tylbury, de que usam os cocheiros para suspender os varaes, enquanto S. Exa o freguez não chega.

JULIÃO.

Madrigal

A HENRIQUETA

Sucedeu-me um caso, ó bella,
Que conto, pois não é mau:
Quiz accender uma vella
Na luz de teus olhos!

...TAU...

Hyperbole

F*** estava na conversa; discenta-se a elegante pessoa do J. C. que, como sabem, é de uma exuberante *cabelladura*, e justamente dizia-se alguma coisa a respeito, quando F*** atalhou...
— Oh! é uma hyperbole capillar!

Toc.

A joia



inalmente, *post tantosque labores*, está representada *A joia*, a nossa primeira comedia em verso.

Como toda a gente sabe, basca-se esta nova composição de Arthur Azevedo n'um facto da vida de madame A***, retirada presentemente do commercio... perdão! — da scena e dedicada inteiramente á educação dos seus filhos e á salvação de sua alma.

E' voz corrente que esta Magdalena original casou em Paris com um sujeito de poucos escrúpulos e emprestou-lhe por conseguinte a qualidade da pescada, — que é antes de ser.
E' um coitadinho retrospectivo, pobre homem!

Os nossos collegas diarios forraram-nos ao trabalho de historiar o entrecho da *Jóia*, com-

mentando-a e discutindo-a largamente nos folhetins e nos noticiarios.

Todavia fazemos côro com a opinião mais geral, que decidiu ser a *Jóia* uma comedia de fins quilates, muitissima graça e altamente moralisadora.

O *Journal do commercio*, esse, indignou-se e sentiu subir-lhe ás faces o rubor do pejo, como certa representante do *demi-monde*, que, aconselhada a entrar para o theatro, respondeu encolerizada:

— Deus me livre! minha mãe morria de desgosto!...

Mas o que sobretudo nos causa um prazer inexprimivel é vêr que, com a representação desta comedia, deixa de ter cabimento certa banalidade muito do uso de folhetinistas sem assumpto e sem talento.

Arthur Azevedo passou até hoje por iconoclasta do theatro nacional; isto é, accusavam-n'o de destruidor daquillo que não existe.

Pela nossa parte sempre cuidámos o contrario: supprimam as coplas e a musica da *Maria Angé e Abel, Helena* e terão duas comedias de costumes, como as escrevia o Penna.

Pediram-lhe que não derrancasse o gosto publico, que não limitasse, que não parodiasse, que se fizesse collaborador do theatro brasileiro com uma scena comica, com um dramalhão cheio de interjeições e de rós, e o nosso companheiro deu-lhes uma comedia em 3 actos, realista, com unidade de tempo, de acção e de logar — e em verso: deu-lhes mais do que lhe pediram.

Já agora, ó folhetinistas! não podeis dizer, repassados de dôr e vibrando indignações: « O iconoclasta sr Arthur Azevedo... »; « O sr Arthur Azevedo, iconoclasta... »; estas obrigados pela coherencia, pela verdade, pelo bom senso, a dizer simplesmente: « O sr Arthur Azevedo, feundo... »; « O fecundo sr Arthur Azevedo acaba, etc. »

Espero que lhes aproveite o conselho.

D. B.

Errata

C. de L. chamou-nos de pequeninos, mas im-mundos.

S. S. equivocou-se: este periodico em nada se parece com os seus dentes.

P.

A Mercedes

No meu peito se balance
Meu traquinas coração,
Como o berço em que a creança
Dorme ao som de uma canção.

Nelle, envolto em seismas puras,
Jaz o amor a dormir...
Ai! que lindas travessuras
Quando alguém o despertar.

APP.

O BESOURO

ACTUALIDADES



○ sorvete como elemento politico.
O frio industrial aplicado em segredo, como rólha, á maioria. Formula Celso. Esfria assim os ardores de uma acalorada opposição.

O frio industrial já foi applicado á pasta dos estrangeiros até se aquecer nas mãos de algum.

Sobre este caso têm-se dividido as opiniões dos dois ministros; parece que o que Siminbê quer, Siminly não quer.

Pensam em applicar o frio industrial ao senado para conservar-o como peiza vivo. Aqui sallam os olhos do sr. presidente da Camara.
O frio industrial conserva, corrobora, fortifica, desmpanca e dá tom á fibra.

Devido ao frio... industrial, pôde conservar Pereira da Costa todas as suas grandes qualidades de habilitissimo violinista. As magnificas qualidades deste frio... industrial podem ser vistas secca-dura, no salão Arthur Napoleão.



A estes que sabem o que dizem, na sua Revista Musical, e que estão reagindo heroicamente contra o frio... industrial, aqueça-os e publicos — applaudindo-os.

É a Revista que dia que o diapason é variavel no Brasil segundo a vontade de cada um. Excepto em politicas em que todos alinam pelo mesmo alinair.

Até os que se alinam não o podem fazer, sendo deitando a toda n'um album reservado.

Hum! hum!... Ah! está um que o frio industrial conserva melhor que o algodão. Partico hum... dessecado... hum! hum!... depois de ter ido De Franco até lá. Hum! Hum! Foi caio nas mãos dos prussianos que, pensando que elle era um relógio, deram-lhe corda e ahí estamos nós sempre De Franco ao Japão... De Japão á Franco. Hum! hum! hum! (*)



Quem vive conservada pelo frio industrial é A joia. Ao Arthur Anzedo aqui deixamos uma joia que não lhe podemos entregar na noite da primeira representação.

Por ultimo pedimos tambem para nós um pouco de frio industrial para que conservemos um resto de bom humor que vai criando mofo e bolor.

Que sensaboria!

(*) Isto é um pigarro chronico que tem um certo cômico — um comico.

Pequenas notícias



Consta-nos que o ministro da marinha, o Sr. Moura, o bule, já não vae transformar os monitores em baterias, porém sim em bancas de banhos.

Dizem que para salvar em honra as medidas hygienicas do Sr. Leoncio.

E' do mundo official a noticia de que o Sr. Aragão Buleão, ão! muito se divertiu durante o carnaval.

Parece que o cidadão Alberto de Carvalho vae deitar outra epistola ao positivista Littré. Aguardamos os acontecimentos.

Vae ser removido o fiscal da praça do mercado para presidente da camara. Fica por isso a praça sem fiscal.

O Sr. Martin Francisco prepara-se para jejuar na proxima quaresma. Não damos credito á noticia.

Segundo nos informam, C. de L., do *Jornal*, collabora nas *Bisbilhotices*, ao lado do *Caipira*. *Ambos florentes...*

Andam em averiguações para saber si a cantora Lafourcade é a mesma que já aqui esteve.

Promette ser interessante a discussão a respeito, depois de se tractar da eleição directa.

Dizia-se hontem (?) que *F. de M.*, o sabiá velho e de espinha cahida da litteratura romantica, brigou com as suas pallidas leitoras porque não o leram no *Zé Pereira*.

As leitoras do sabiá são todas perfidas como a onda.

Parece que o *Microcosmo* do domingo ultimo mediu-nos por si,—achou-nos pequeninos. Erro de systema metrico: sempre somos um pouco mais... altos.

Parece que, á vista das boas noticias do norte, o ministro do imperio pretende receber a commissão medica com um copo d'agua.

Kir.

Um r

Consta que o auctor da *Jóia* vae propôr ao Sr. Castro, do *Jornal*, a suppressão da letra R no seu nome.

SAMUEL

Como se acha assumpto

(DRAMA EM TRES ACTOS)

Personagens

O Caipira do *Jornal* — N.Um caipora (que lê o *Jornal*) — N. N.

Um leitor (que se interessa pelo Caipira e que não é caipora) — N. N. N.

Acto 1.º (uma rua)

(Scena unica)

O Caipira (só). — Diabo! não tenho um assumpto; nem uma pedra fóra do alinhamento; nem uma tolce da hygiene publica; nem um mictorio quebrado; nem um esgoto desarranjado. Inferno! não tenho com que escrever uma carta amanhã. Si a camara municipal tivesse feito alguma coisa!...mas não tem havido sessões. Lá vem um fiscal, oh! grande heroe, creação.... ah! lá está uma carroça da empoza Gary. Prrr! que mau cheiro! sim! um gato morto (toma notas no punho). Oh deleite! um gato morto..... (eospe). Tenho o folhetim! (sae pelo fundo).

Acto 2.º (no escriptorio)

(Scena unica)

Um caipora. — O Sr. Caipira?

Caipira, (deitando os oculos azues). — Um seu criado.

Um caipora (pathetic). — Oh Sr. Caipira, sou um caipora, tenho grandes soffrimentos....

Caipira. — O que é... a febre amarella? o cholera? respirou em algum esgoto? fallou com algum membro da Junta?

Caipora (mais pathetic). — Nada, senhor, é a Camara.....

Caipira. — Ah! (radiante) a camara!

Caipora. — (sempre pathetic) Quer por força pôr na esquina da *minha* rua, na esquina onde *minha* casa justamente faz canto com a *minha* rua, quer....

Caipira (erguendo-se). — Quer demolir o canto, diga, senhor! (tomando-lhe as mãos) Falle, abra-se, quero dizer cubra-se, esteja á vontade.

Caipora. — A camara quer pôr alli um chafariz.

Caipira (caindo). — Oh! Vá, cidadão! (Caipora sae pelo lado).

Acto 3.º (sala burgueza)

(uma sexta-feira, faz calor, sente-se

frigor o peixe na cozinha)

N. N. N. (na melhor intenção). — Antes de almoçar, vou abrir o appetite (pega no *Jornal*). Oh diabo! o Caipira está excellentemente hoje, magnifico, bravo, que gosto! Escriutores assim são justamente os que melhor servem á patria, ao throno e a nós.... Vamos almoçar.... Magnifico!

PERSIFLOR.

Entre bohemios

- De onde vens?
- Do Boqueirão do Passeio.
- E o que viste?
- Seiscentos contos nadando.

T.

Familiar

Ramarias verdes, como
As da arvore que *déra*
Aquelle lendario pomo,
Conversam com a primavera.

Das estantes da Chymera
A natureza abre um tomo
E lê a um satyro, a um gnômo
Uns pedaços de Cythera.

Sobre a lyrica torrente
De um rio, arrasta-se o véo
De uma Ophelia. De repente

Eil-o o Deus Sol reverente,
Que assoma e tira o chapéo
Aristocraticamente!

ALBERTO DE OLIVEIRA.

A proposito...

... das *Miserias humanas*, annunciadas no S. Pedro, pelo seu auctor, Luiz-o-calvo, lembramo-nos de um drama intitulado *Miserias sociaes*, escripto por Manuel Victor de Faria Salgado, de Cantagallo.

Porque não se representa em *algum* de nossos theatros essa peça nacional?

Está levantada a lebre!

IGNOTUS.

Theatros

Em poucos dias será representada na Phenix a *Camargo*.

Nesta peça não ha banhos de mar; no entanto parece nos que o theatro vae nadar... em ouro.

Da *Joa* dá noticia o collega D. B. Não confundir com o Debye, da *Physiologia do casamento*.

O Casino fechou as suas portas. Ignoramos os motivos que o levaram a esse acto de desespero.

O Alcazar ainda não reabriu as suas. Ignoramos, etc.

O Brazilian-Garden continúa *si bien qui mal*.

Canta-se alli todas as noites de um modo incrível.

E' mesmo o theatro em que mais se canta.

Emquanto não *sôbe* á scena a *Camargo*, a Phenix continúa a dar-nos a *Niaiche*, uma peccadora que promete envelhecer como Manon Lescaut, sua mestra.

No Skating-Rink patina se, como diz o *Reporter*.

CEBOLA.

O dente de Dona Gabriella

ROMANCE

PELO

CONSELHEIRO ACACIO

CAPITULO II

ONDE SE DIZ QUEM ERA DONA GABRIELLA
DE MASCARENHAS.

Pobre e bem pobre era a formosa amada de D. Rodrigo, pois que o seu castiçal uma garrafa era, como viste, leitor benevolo.

Seu Pay havia sido um capitão-mór, varão assignalado naquelle tempo por integro e preclaro.

Todavia, quando falleceu não deixou, contra a espectiva geral, mais que alguns cruzados novos, novos naquelle tempo, que hoje velhos são e sem curso.

A esposa do capitão-mór, a Mãe de D. Gabriella, senhora assaz respeitada por grande copia de virtudes, havia-o precedido no tumulo.

D. Gabriella vio-se só no mundo, e desamparada; bem depressa o espectro da miseria bateu á sua porta.

Nesse interim, a familia de um negreiro, que navegava para terras africanas em busca de escravos, chamou-a para sua casa, agasalhou-a, deu-lhe roupa lavada e gommada e cama e moza, como si lhe fora filha. Só não lhe dava castiçal.

Um dia em que a familia do negreiro levou-a a uma festa que havia no bairro de D. Manuel, D. Gabriella encontrou D. Rodrigo no pequenino e pittoresco arraial, que alli havia á beira mar.

Dahi por diante, acceso o fogo do amor em seus jovens corações, começaram as suas entrevistas no terreiro da casa do negreiro.

Nonadas de amor mutuamente se disseram os dous amantes nessas entrevistas, cuja unica testemunha era a luz argentea e melancica...dizer quero: melancolia

No ponto em que principia a nossa singela narrativa, effectua-se a derradeira entrevista entre D. Rodrigo de Albuquerque e D. Gabriella de Mascarenhas.

No proximo capitulo diremos, si Deus nos dê vida e saude, quem era ao certo o filho do morgado de Moitões, e que intenções alimentava com referencia á filha do capitão-mór.

A' ultima hora

Consta-nos que C. de L. de abril em diante vae usar uma dentadura postica e um estylo novo grandiloquo e eloquente.

Damos esta noticia em reservado.

P.



ESBOÇOS PARLAMENTARES
(CAMARA)



S. EX. CANDIDO DE OLIVEIRA

Um marrequinho. Do *coé, coé, coé* da sua *falta*, só podemos vêr, no fundo do seu estomago, uma pombinha jurty, que S. Ex. comêra ao almoço e da qual enviava os filhotes ás ventas do sr. Presidente.. outros. *Coé, coé, coé* é uma opinião!



Trinidade Calvo

Mozaltes
4/2